



O 25 DE ABRIL E AS SUAS IMEDIATAS CONSEQÜÊNCIAS PARA E NO PROTOSSISTEMA CULTURAL GALEGUISTA¹

Elias J. Torres Feijó

Grupo GALABRA

Universidade de Santiago de Compostela

Queremos com este texto avançar, em linhas parciais e gerais², as incidências que o processo revolucionário português (PRP) teve no protossistema cultural galeguista³ (PCuG) e em que medida o fizo. Limitamos o âmbito temporal de análise a 1974 e 1975 para detectarmos nos modos de reacção dos agentes galeguistas as expectativas e dispositivos que esses grupos tinham colocado a respeito do construto ‘Portugal’ e ‘português’. Por clareza expositiva tratarei separadamente os grupos em foco.

Frente à dominância da óptica espanholista nos dous elementos do par no relacionamento, no campo galeguista Portugal constituía um histórico e complexo referente de reintegração. Nele, o denominado Grupo Galaxia e as pessoas e intâncias ligadas a esse projecto, central na altura no PCuG, reclamavam-se herdeiros da linha de comunicação galego-portuguesa do galeguismo do pré-guerra e, nesse esquema, a existência dumha comunhão espiritual, cultural, e abundantemente lingüística, é continuamente invocada por estes grupos e agentes. Em parte dessa mesma fonte bebe a Unión do Pobo Galego (UPG). Esta modula o seu discurso na teorização e praxe dos partidos marxistas-leninistas de inspiração maoísta, considera a Galiza como colónia interior do Estado Espanhol e sente-se parceira de todos os processos guerrilheiros de descolonização do momento.

¹ Este trabalho insere-se no projecto “Portugal e o mundo lusófono na literatura galega das últimas três décadas”, parcialmente subsidiado pola Xunta de Galicia. PGIDT01PXI20414PR

² O espaço oferecido nas presentes *Actas* é, logicamente, limitado; por isso aqui adiantamos, e sinteticamente, apenas os resultados referidos às esferas do Grupo Galaxia e da UPG. Ponhem-se de parte outras, como a vinculada ao PCG e, igualmente, os enclaves sulamericanos, neste caso sobretudo o bonaerense e o mexicano. Da mesma maneira, nom podemos tratar outros campos, de forte inovação, como som os casos do teatral, do cinematográfico e, especialmente, do musical.

³ O termo ‘galeguista’ é usado aqui indicando o sentido da acção dos agentes comprometidos no e com o PCuG e PSLG. Entendemos por tal protossistema cultural aquele que, deficitário na conformação dos seus macro-factores sistémicos (tal como definidos por Even-Zohar 1990) pretende balizar-se a respeito doutros, particularmente do espanhol, invocando como norma sistémica fundamental (ainda que nem sempre única) o uso do galego. Para um desenvolvimento mais alargado da noção de protossistema, norma sistémica pode ver-se Torres Feijó, (2002).

O PCuG é um campo em construção da sua própria definição e autonomia a respeito do espanhol, que conhece um alto grau de heteronomia em relação ao campo do poder, verificado na preferência dada em bastantes casos à actividade cultural como elemento de resistência e/ou afirmação (repare-se, aliás, que o submetimento a umha importante repressão de muitas das intervenções culturais dos grupos opositores, fai aumentar o valor simbólico dessas mesmas intervenções). Cabe indicar igualmente que, nos anos 70 e progressivamente, se vive em todos os grupos referidos com a expectativa da queda do regime, o que contribui para a geração dum importante acúmulo de energia⁴. Por exemplo, em âmbitos como o sócio-lingüístico, coloca-se a expectativa da entrada no ensino nom universitário do galego a partir da Ley General de Educación de 1970, o que acelera igualmente umha preocupação pola normalização e a normatização do galego, em que salientam a produção de materiais do Instituto de la Lengua Gallega da USC ou as polémicas suscitadas polo *Informe dramático sobre la lengua gallega* de Alonso Montero e polo artigo de Rodrigues Lapa na *Colóquio/Letras* e em *Grial*, “A recuperação literária do galego”.

O Grupo Galaxia; o ILG:

Galaxia dá nome ao grupo que surge como conseqüência do entendimento dos seus membros da inviabilidade da acção política e da necessidade dum labor de progresso cultural, acabando por ocupar um lugar central no PCuG. Nessa altura reatam-se as presenças e os contactos com o mundo luso-brasileiro, que temem em Rodrigues Lapa o mais activo agente do lado português e principal filólogo no esquema de *Grial*-Galaxia. Polo geral, a sua actuação está presidida por umha clara vocação reintegracionista no plano cultural, que se verifica na atenção a elementos consagrados no sistema literário de orixe e a repertórios secundários⁵ como os representados por Camões ou Teixeira de Pascoaes.

Nem na Editora Galaxia nem na revista *Grial* detectamos variação atribuível ao efeito do PRP. Seria esperável maior presença de elementos do sistema português contemporâneo, o que poderia significar umha indirecta manifestação de simpatia com o processo luso, ou até umha resposta à reclamação que, no número de Janeiro a Março de 74, que recolhe os depoimentos de Celso Cunha, Stegagno Picchio e Jacinto do Prado Coelho, este fazia (pp. 80-81) para um maior espaço na revista para a literatura portuguesa “de hoje [...] sem dúvida das suas páginas não estão ausentes Camões e Fernando Pessoa (ambos com ascendentes galegos), nem Pascoães (sic), nem Antero, nem Torga... mas, claro, desejaria mais!”, concluindo:

Finalmente, bom seria que se intensificasse, em revistas como GRIAL, COLÓQUIO/LETRAS e outras, o diálogo luso-galego; que se multiplicassem para tanto iniciativas como o artigo de Rodrigues Lapa sobre o galego nas suas relações com a língua portuguesa –artigo que, em 1973, veio reavivar esse diálogo

⁴ Para este conceito, vid. Even-Zohar, (2000).

⁵ Para esta noção vid. Even-Zohar (1990).

em termos fraternos, suscitando, entre outras, a réplica de Ramón Piñeiro.

O Catedrático de Literatura da Universidade de Lisboa era um principal aliado luso, dada a sua tripla condição central no campo universitário português, no da crítica literária (era director adjunto da principal publicação do campo da crítica literária portuguesa, a *Colóquio*), e no intelectual, dado o estado dos campos culturais na altura e a sua imbricação importante com o campo do poder.

Nom é este o melhor momento nas relações luso-galaicas veiculadas através de Galaxia. Ao temor certo de serem censuradas as suas iniciativas pelo poder político, com maior perigo com o PRP, soma-se agora a distância desencadeada pelo artigo de Lapa e a contestação de Piñeiro, a que se uniu, ainda que com tom diferente, Otero e Cunqueiro⁶. Na *Grial*, detecta-se, aliás, uma tendência para afirmar uma pertença do galego ao mesmo sistema lingüístico mas uma consideração de três línguas diferentes, com a ambigüidade de que se reveste o conceito 'língua' nestes escritos: galego, português e brasileiro, caso do artigo de David Felman ou da utilização dos depoimentos de Jorge Amado na secção "O rego da cultura", que fala de dois ramos da mesma língua para o caso brasileiro e o português, nesse mesmo número, em que é expressiva a ausência de Lapa. Nele mesmo som anunciados 4 prémios da editora, de romance, poesia, ensaio e lingüística, este centrado na explicitamente denominada "unificación normativa" do galego. Galaxia era o sector do PCuG mais preocupado pelo assunto, rumando agora para um certo isolacionismo, o que nom obstava para que aparecessem outras opiniões, se nom discordantes, pelo menos matizadoras dessa linha, de pessoas representativas de Galaxia, mesmo de Piñeiro ou Carballo, nas mesmas páginas de *Grial*, o que redundava numa dominante indefinição das posições. Por outro lado, e dentro desta orientação, o grupo Galaxia concorria com o emergente Instituto de la Lengua Gallega, que mantinha uma posição normativa em bastante medida mais isolacionista que a sustentada por aqueles⁷, e que pretendia fazer valer *auctoritas* universitária no campo cultural. Reflexo destas controvérsias som as opiniões de Guillermo Rojo (ILG) e Franco Grande (Grupo Galaxia) no *Almanaque* de 1975. Escrevia o primeiro (95-97):

Nestes vinte e cinco anos, o galego 'literario' (con demasiada frecuencia alonxado da lingua falada) percorreu a súa identidade no lusismo, no medievalismo ou no vulgarismo. (Hai que ter en conta, para xustificar esta situación, a carencia dun modelo de lingua e que moitos dos nosso escritores chegaron ao galego por motivacións político-culturales, pro sin teren a conciencia lingüística que dá o seu uso como lingua materna).

Hoxe temos Galaxia e outras, e temos a Academia Galega e a Universidade (por medio da Cátedra de Galego, a de Filoloxía Romanica e máis do Instituto da Lingua Galega) (...) Conocemos o galego millor que nunca. (...) A solución non está en lusizar o galego ou en castelanizalo, senón en adaptar o léxico patrimonial ás necesidades do mundo moderno (en certo modo, unha regaleguización,

⁶ Nom assi outros como R. C. Calero e V. P. Andrade. Vid Montero Santalha (1989).

⁷ Nos seus *Ga(l)lego* 1, 2 e 3 e na revista *Verba* reiteram-se artigos, recensões e notas insistentes nos traços diferenciadores de galego e português, ainda que outros trabalhos apontam para um certo lusismo, como o de R. C. Calero "La constitución del gallego como lengua escrita", no nº 1, 1974, 31-39.

como fixeron sempre todas as linguas. Cando estamos a contraer a obriga de aprenderlles aos nosos rapaces en galego nas escolas, ese galego culto, literario, non pode ser outra cousa que un galego popular requintado, pulido, unificado nos aspectos básicos, pro galego auténtico.

E, sob o rótulo de “o mercado do libro”, indicava X. L. Franco Grande (100-101):

(...) son moitas as posibilidades do libro galego. E non soio dentro, senón tamén fora de Galicia. Pensemos un intre nese futuro incalculable que temos ahí á nosa veira: o mundo de lingua portuguesa, que polo de agora aínda non se soupo, ou non se puido, explorar. E que polo de agora tampouco semella moi facedeiro, a menos que teñamos un pouco de realismo, e, dando os pasos que haxa que dar e co vagar que se queira, cheguemos a unha aproximación ortográfica co portugués –hasta onde o consintan as realidades das dúas linguas–, semellante á portuguesa-brasileira. Non ver isto é estar cegos para as máximas posibilidades culturáis que a nosa cultura ten e que xa outros quixeran para sí. É estar cegos para o porvir.

Ora, o efecto fundamental do PRP no PSLG, para o caso deste grupo, como em geral, para o conjunto dos agentes do mesmo, viria das novas posicións e funcións ocupadas e desenvolvidas por anteriores contactos no sistema cultural portugués. Já foi aludido o caso de Coelho. Lapa, ligado, aínda que nom organicamente, ao Partido Socialista (PS), ocupará igualmente umha posição de relevo, à frente da *Seara Nova* e da Associação Portuguesa de Escritores. Nesta altura, Lapa leva a cabo umha série de ações tendentes a fortalecer a via reintegracionista, propondo, por exemplo, vários escritores galegos como membros da APE: Otero Pedrayo, Guerra da Cal, Cunqueiro e Celso Emilio Ferreiro, em que nom deixa de enfrentar problemas com sectores vinculados ao Partido Comunista Português, PCP⁸, publicando, mantendo correspondência e participando em diversos foros que tenhem a ver com o relacionamento galego-portugués. O aludido distanciamento, a falta de estruturas de relacionamento sólidas, a mesma idade avançada dos protagonistas, além das dinâmicas políticas geradas nos dous estados, podem explicar que nom houvesse continuidade nem estabilidade nesta linha.

Tampouco parece haver efeito do PRP no aumento e alargamento da presença desta corrente em Portugal. Na *Seara Nova* é inexistente (Lapa, aliás, deixa a direção da revista, que dirigia desde Fevereiro de 73, no Outono de 74, perante a sua tomada por elementos do PCP); quanto à *Colóquio*, detectam-se reflexos da polémica lingüística aludida, mantenhem-se os vínculos com *Grial*, e até aparecem recensões de obras galegas assinadas por Carballo Calero⁹, mas nom se solidifica um relacionamento estável nem acresce a presença via Galaxia. Nem havia condições nem disposições.

⁸ Vid. Lapa, 2000 (cartas de 22/1/75 e 22/2/76). Devemos indicar que Fernández del Riego testemunhou-nos nom lembrar que esses contactos e propostas se produzissem e que nos, incompletos, arquivos da APE nada encontramos a este respeito.

⁹ No nº 27 de Janeiro de 75 a *Olladas no futuro*, de R. Piñeiro e no seguinte a *Elipsis e outras sombras*, do militante da UPG Méndez Ferrín, ambos editados por Galaxia.

O caso do “Manifesto para a Supervivência da língua galega”:

Em 1974, Lapa recebe umha carta do para ele desconhecido José-Martinho Montero Santalla, com data de 28 de Maio (Marques 1997: 345), em que lhe envia um “Manifesto para a Supervivência da língua galega”, que assinam, para além do remetente, mais doze pessoas, com a solicitude de publicação na *Seara Nova*. Escreve Montero Santalla:

O nosso desejo seria que em Portugal se criasse um certo ambiente de solidariedade com a cultura galega, que é essencialmente idéntica à cultura portuguesa (...) desejamos uma progressiva integração cultural –prescindimos, claro está, do aspecto político- galego-portuguesa. A língua portuguesa –nós dizemos galega, ou galego-portuguesa, mas referimo-nos à mesma cousa– atravessa em Galícia um momento dramático: a política espanhola encaminha-se a extirpá-la, aproveitando sobretudo o influxo decisivo dos medios de comunicação de massas. Precisamos da solidariedade dos nosso irmaos portugueses para salvá-la. Até agora estamos em tempo.

Nao estará demais advertir que o nosso manifesto foi elaborado antes do câmbio de régimen em Portugal e que, polo mesmo, nao está determinado por razoes políticas do momento mas por motivos histórico-culturais.

A advertência expressa um dos potenciais efeitos do PRP, o de contribuir para um maior desenvolvimento da açom sócio-cultural de grupos galeguistas¹⁰ podendo encontrar-se nesses efeitos alcances de vinculação política que som expressamente negados, num texto, embora concebido antes do PRP, cuja recepçom certamente mudava significativamente na nova situaçom. As propostas apresentavam duas novidades salientáveis: a primeira é a dumha vontade programática de reintegraçom cultural no mundo luso-brasileiro: para isso, denominam a língua galego-portuguesa, utilizam umha ortografia reintegrada e realizam propostas de transferência e interferência sistemáticas com Brasil e, sobretudo por proximidade geográfica, Portugal. A segunda é a de, partindo da base da irreversibilidade da existência de dous grupos lingüísticos na Galiza, fixar um programa de actuaçom normalizadora centrado nos meios de comunicação de massas, postulando neles umha atençom preferente ao mundo luso-brasileiro e a captaçom na Galiza das emissoras de rádio e TV, ao lado do “ensino oficial, a administração e a Igreja”.

Ora, o carácter excêntrico dos assinantes era já umha peja importante, acrescentada pola sua nula intervençom no campo até à altura, o que estará na base da sua escassa capacidade de interlocuçom e de eventual progressom das suas propostas. Na sua resposta a J-M Montero, Lapa, anunciando-lhe que o texto sairá na *Seara Nova* ou na *Colóquio*, recomenda enviá-lo à *Grial*, a RAG, a Piñeiro, a Xavier Alcalá e a Guerra da Cal.

¹⁰ E de soluçom do problema normativo. Dias antes de receber a carta de José Martinho Montero, escreve Lapa a Xavier Alcalá (Marques, 1997: 345 de 31/5/74):

Recebi a sua crónica, *Portugal, tan perto*, que muito lhe agradeço. Está cheia de verdade e simpatia por esta Galiza daquéminho (...) a carta do nosso bom amigo Piñeiro, (...) me impressionou pelo seu tom suicida. Não é esse o tipo de galego que o momento exige, sabe bem porquê: a revolução portuguesa, entre outras coisas, pode abrir novas perspectivas a uma soluçom do problema galego.

A primeira via resultara já fracassada. Segundo me testemunhou J-M Montero, o texto fora concebido e endereçado para *Grial*, escrito com a ortografia dominante para o galego na época. Em resposta por carta, de que tenho cópia facilitada por Montero Santalha, Piñeiro manifesta a sua coincidência com os postulados do “Manifesto”, afirmando estar “moi ben pensado”, mas indicando que nas “circunstancias” da altura, era impossível publicá-lo. Montero atribui essas circunstâncias ao conteúdo político do texto e ao quadro político-ditatorial vigorante. Piñeiro sugere-lhe que o faça chegar a elementos da Editora Nós de Buenos Aires, cousa que fam mas sem fruto. Posteriormente, e ao socairo do PRP, decidem enviá-lo para Lapa (modificando o código lingüístico para umha maior reintegraçom) por considerá-lo a figura cimeira do intercâmbio galego-português, e, depois, em espanhol, para *Cuadernos para el Diálogo*, onde sairá, com notas-de-rodapé, nas primeiras páginas, em Outubro. O “Manifesto” sai publicado no número de Setembro na *Seara Nova*, introduzido por Lapa, indicando que ele veu acompanhado de um documento de maior profundidade, “Em prol da integração lingüística galego-portuguesa”; Lapa comenta o seu carácter novidoso e vê na ubiquaçom excêntrica do grupo, em contacto com outras culturas, a base da sua compreensom do problema lingüístico galego, reiterando a possibilidade de solucioná-lo assi “se os nossos amigos galegos o quiserem, bem entendido. E, pelo visto, querem mesmo”.

Lapa abriu a resposta àquela carta com as seguintes palavras: (Marques 1997: 346-347, 10/6/74): “A sua carta, acompanhada do ‘Manifesto’ (...) proporcionou-me uma das maiores alegrias da minha vida”. Um mês mais tarde escreve (Marques 1997: 347, 20/7/74) a Prado Coelho: “A semente que lançamos à terra germinou lentamente, mas floriu e está dando frutos”. Certamente, pessoas como Da Cal, Alcalá, Paz Andrade ou membros do chamado Grupo de Londres eram referentes ou contactos de Lapa no campo galeguista, mas ninguém até ao momento manifestava umha prática e um projecto reintegracionista como esse e, menos, organizadamente¹¹. Perante a hipótese de mudança política em Espanha e a evidente em Portugal, Lapa encontrava no âmbito galego¹² um interlocutor com umha proposta acabada e publicável, que nom tinha nem em Galaxia nem na Universidade nem nas plataformas políticas actuantes.

A UPG:

A concepçom cultural da UPG era, nalguns pontos, abertamente

¹¹ Na realidade este “Grupo de Roma” nom passou dum colectivo que assi manifestava a sua preocupaçom pola situaçom cultural da Galiza, mas nunca funcionará de maneira orgânica nem terá continuidade.

¹² A reintegraçom era possibilidade apoiada desde agentes nom galegos mas actuantes no sistema galeguista, por exemplo os provenientes do catalám e do português. Por citar dous exemplos dos primeiros meses de 1974, Félix Curucull apoia as teses de Lapa no nº de Janeiro de 1974 na *Seara Nova* (pp. 22-23), nom detectando em Portugal preocupaçom “em promover uma profunda conexom cultural galego-portuguesa”, exceptuando Lapa e Prado Coelho, o que umha Nota da Redaçom corrobora. No livro *Encuesta mundial sobre la lengua y la cultura gallegas y otras áreas conflictivas: Cataluña, Puerto Rico*, de Alonso Montero (Madrid : Akal, 1974), sem que no inquérito se aluda nem ao português nem a Portugal, nem à questom ortográfica, Carlos Barral, Ramón Carnicer, Sánchis Guarner e Ricard Salvat recomendam por vários modos essa reintegraçom. De resto, os portugueses seleccionados (polo geral, contactos prévios de Alonso Montero, em que nom están Lapa nem Coelho) nom se pronunciam nessa direcçom.

combatadora de Galaxia. No nº 1 de Março de 1974 da *Galicia emigrante*, elaborada em Genebra, “Voceiro da Unión do Pobo Galego”, podia ler-se pontos do Programa do “Frente Cultural galego”, vinculado à UPG, que indigitam sem citá-lo também esse sector galeguista. Programaticamente a UPG nom explicita nengum vínculo cultural com Portugal (e ao mesmo tempo percebe-se umha concepçom lingüístico-cultural afastada de propostas reintegracionistas), o que está igualmente ausente nos seus princípios políticos, ainda que falam dum vínculo federativo peninsular. Era de esperar que fosse na esfera política onde maior peso atingisse o relacionamento galego-português através da UPG. E, com efeito, assi foi, sendo a sua reacçom imediata. Logo a seguir do 25 de Abril, endereçam umha “Carta de UPG pra Portugal”, que reproduz a revista indicada na página 7 do seu nº 3, “Ao Movimento Militar, aos Partidos, correntes e persoalidades, democráticas de Portugal (representantes das camadas populares e, as orgaizaciós armadas anti-feixistas)”, em que afirmam:

A UPG (...) vive niste intre unhas das eisperencias máis fermosas da súa hectoria: o país fraternal que é Portugal ven de aniquilar o feixismos e camiña cara á democracia.

Todo o pobo galego vibra de solidaridade i entusiasmo. Os muros das aldeas e cidades de Galicia cóbrense de letreiros nos que se le VIVA PORTUGAL! Xamáis a concencia da antigua unidade cultural galego-portuguesa foi tan lúcida no corazón das masas oprimidas da nación galega. Xamáis o sentimento de que a vosa loita é a nosa loita foi tan fonda e cordialmente asumida por toda a xeografía galega.

Este era pois o sentido que para a UPG cobrava o processo português, suscitando, como se vê, umha referência, mas também um potencial aliado, para a sua actividade política. Já vários militantes tinham contactos prévios com outros da esquerda portuguesa, com intervençom no sistema cultural português. Já foram publicados poemas e livros (em jornais e nas editoras Razão Actual e Poesia & Ficção, de homólogos políticos portugueses) de Celso Emilio Ferreiro ou Manuel Maria, sobre o que Lapa publicara em *República* em 1972 “Manuel Maria: um poeta do povo”; conseqüência desses contactos fora a publicaçom de *Introdução ao Nacionalismo galego* de Viale Moutinho, militante do PCP e talvez a pessoa portuguesa com maiores relaços políticos no oposicionismo galego. A sua mediaçom e o apoio decisivo de Óscar Lopes, militante comunista e na altura Director da Faculdade de Letras, e de Avelãs Nunes, economista prestigiado na esquerda portuguesa, amigo de militantes da UPG como Ramón López-Suevos e, ao tempo, Secretário de Estado dos Desportos e da Acção Social Escolar (e de Dezembro de 74 a Setembro de 75 Secretário de Estado do Ensino Superior e da Investigação Científica) e membro da redaçom de *Vértice*, farám que Margarita Ledo, que em Setembro passa clandestinamente a Portugal, seja contratada pare leccionar galego na Universidade do Porto desde inícios de 75¹³.

¹³ Testemunhos pessoais de Ramon López-Suevos e Margarita Ledo.

Importante conseqüência imediata do PRP foi a vulgarização da literatura e da cultura galegas nas novas plataformas emergentes no sistema cultural português. Salienta o número quase integral que com o lema “Galicia com Portugal U.P.G.” a longeva *Vértice*, “revista de cultura e arte” vinculada à esquerda, lhes dedica. O número 367-368 de Agosto-Setembro abre com “Duas atitudes face ao problema do galego”, de Lapa, e encerra, na parte em que a Galiza é homenageada, com “A circunstância de Portugal”, de Aníbal Almeida, contacto da UPG. O resto é preenchido por textos de galegos. Lapa ataca as teses sustentadas pola UPG, criticando três artigos aparecidos no número 1 da *Rego*¹⁴, em que, perante a descrição da colonização política, económica e cultural que a juízo de *Rego* vive a Galiza, pergunta e responde:

Remédios alvitrados para estes males? Nada menos que o derrube do imperialismo político e económico, nada mais que a intensificação do galego. Nem o próprio bilinguismo os autores admitem, a não ser transitivamente, pois, como dizem, e com certa razão, ele é a primeira etapa da assimilação completa.

E contrapom:

A esta penúria metodológica, a este radicalismo desesperado de opções procura fazer face o “Manifesto” dos 13 de Roma, baseado no excelente e documentado estudo “Em prol da integração lingüística galego-portuguesa”. Na verdade, chega a ser inconcebível que nenhum dos autores de *Rego* se tivesse lembrado uma vez sequer da existência de uma língua e cultura portuguesa, que tem muito a ver com a galega.

O texto é, pois, umha reiteração da defesa das suas teses reintegracionistas, agora apoiado numha táctica emanada de agentes galegos e procura encontrar as, a seu juízo, insuficiências e contradições das propostas de *Rego*:

(...) não deixa de ser muito estranho que um desses autores chegue a escrever esta enormidade, em contradição flagrante com as suas próprias teses: que o galego é língua facilmente restaurável por via da sua semelhança com o castelhano! Destes paralogismos se tem nutrido a discussão em torno dos problemas do galego, virando deliberadamente as costas à realidade.

E conclui com a sua reiterada recomendação de incentivar o estudo do português na Galiza, o que, desde poucos meses atrás, permitia, com carácter opcional, a legislação vigorante.

Ora, as teses de Lapa nom podiam ser aceites sem contradizer parte do edifício teórico e da praxe da organização. Tempo mais tarde, Francisco Rodríguez, considerado (de novo segundo testemunhos de militantes na

¹⁴ Lapa, na carta de 23/8/74 que envia ao director da revista *Rego*, em que assina os 10 primeiros números, anuncia este artigo e surpreende-se de que nada se diga de Portugal nem da língua portuguesa, “que representa literariamente o galego”. Responde Carlos Xohan, sem falar nada do assunto mas indicando que “Nos intrasaría moito tamén si nos podes remesar algún traballo encol de temas relacionadas con Galicia, en particular, sobor de temas onde se mencione ou analice a perspetiva de Galicia e dos seus problemas ollados dende Portugal, sobor de todo agora onde o apoio verdadeiro pode sere unha realidade”.

altura da UPG) o referente sócio-lingüístico do partido, contestará-as em *Conflicto lingüístico e ideoloxía en Galicia*, de 1976, na Xistral, num capítulo intitulado “As teses de Lapa ou o culturalismo e cosmopolitismo intelectual”, em que adverte (Rodríguez, 1976:110), “sen poñer en dúbida as ventaxes do aportuguesamento do galego hastra os lindes que non traicionan o espírito da língoa”, que nelas “latexa un conceuto do problema, culturalista, elitista, que non pon en correlación axeitada idioma e política; mais, esta correlación faina nun senso de aceutación da ideoloxía dominante”.

À parte o texto de Lapa, deve notar-se que, como costumava acontecer na relação galego-portuguesa de carácter galeguista, os agentes portugueses adoptavam os elementos repertoriais dessa relação tal e como definidos desde o campo galeguista. É significativo disto o título do número da revista, em que se adopta a forma ‘Galicia’, usada pola UPG, em clara renúncia à utilização da própria portuguesa; ou mesmo o uso de ideologemas cunhados que contradiziam a prática escrita dos galegos, como a da identidade lingüística, passando assi a fórmulas de retórica relacional. O teor do que assinalamos é bem expresso no texto editorial que antecede ao artigo de Xosé Manoel Beiras, o único texto, por certo, que é adaptado à norma padrom portuguesa...:

Ora, de entre os povos da Península, o povo galego apresenta-se mais próximo de nós, portugueses, do que nenhum outro: temos uma raiz cultural comum, uma língua ainda hoje muito semelhante, uma evolução económico-social com características afins (lembramos apenas o triste destino de portugueses e galegos como povos emigrantes). Por isso, pareceu à *Vértice* que seria interessante trazer junto dos seus leitores o estudo que segue sobre a história económica e social da Galiza e as perspectivas que poderão oferecer-se actualmente às gentes do outro lado do Minho. São páginas extraídas –com autorização do autor e com ligeiras adaptações- de um livro editado não há muito em língua galega pela Editorial Galaxia (Vigo), e intitulado *O atraso económico da Galiza*.

Beiras, líder do PSG, partido que, por sua vez, mantinha relações com a UPG, era, na altura, a figura nacionalista de maior centralidade no campo académico económico, mantendo posições analíticas próximas desta última, o que justifica a sua presença, excepcional dentro das restantes, todas elas vinculadas à UPG.

O conjunto de poetas e poemas publicados mostra como elementos da UPG, juntamente com outros procedentes da esquerda portuguesa, tinham já construído umha rede de relações e um conjunto repertorial definidor da sua actuação no campo cultural, em que os textos e o seu funcionamento se referenciavam na denominada poesia social e de resistência. Domina Manuel Maria, abrindo a pequena antologia “Poesia Galega de hoje” com seis poemas (em que se intercala a parte V do poema rosaliano “¡Pra Habana!”, que fora adaptado musicalmente por Correia de Oliveira para o “Castelao e a sua época” de Salvat, proibido em 1969 pelo Governo português), tomados de *99 Poemas*, publicado na *Razão Actual* em 1972; isto nom sucede no caso dos seis que igualmente se reproduzem de Ferreiro, apesar de a sua *Auto-escolha poética* ter saído no mesmo ano e editora, e que som

antecedidos de “O mayo” de Curros Enríquez; e encerra-se com “Quevedo” de Heriberto Bens, heterónimo de Méndez Ferrín, acompanhados por um glossário de quase cinquenta palavras e um desenho de Castelao. Na continuação reproduzem-se o texto de Beiras “O Atraso económico da Galiza: explicação e alternativas actuais” e “Relações urban-rurais e relações de classe. Un intento de situación do problema”, de Vilas Nogueira.

Aparece depois um texto orgânico da UPG, sem assinar, intitulado “O movimento de liberación nacional en Galicia” datado em 28 de Maio, em que se critica as organizações de esquerda que entende de obediência espanholista e define o conjunto organizativo nacionalista.

O privilégio dado a Manuel Maria fica ainda mais relevante com o texto de Camilo Gómez Torres: “5 notas a *Laio e cramor pola Bretaña*”, seguido de “Galicia e a sua narrativa”, por Lois Diéguez. Outro desenho de Castelao dá passo ao artigo que encerra esta série “A circunstância de Portugal”, de Almeida, versando sobre a situação peninsular da Espanha após Franco. Nele reitera o discurso comum: (660): “Aqui, portas com portas, há um pequeno povo que fala a nossa língua e tem uma longa história comum com os do noroeste português, a quem impõem outra língua e outra história, de Numância a Lepanto; a quem a terra empobrecida expulsa para *Bos Aires*”.

A UPG conseguia ir impondo-se como o referente político-cultural na Galiza para determinados sectores esquerdistas lusos, sem dúvida alicerçado no vínculo galego-português sobrepunhando o hispano-português (a que tradicionalmente a esquerda lusa dera preferência quando nom exclusividade) o que nom deixará de provocar incómodos aos colaboradores com a UPG, principalmente os vinculados ao PCP, cuja relação orgânica no estado espanhol era a estabelecida com o PCE, que tentará impedir essa progressom. A presença de Margarita Ledo e o apoio legal facilitado polo novo regime, mesmo com comprazimentos do campo do poder, caso de Avelãs Nunes ou do Governador do Porto na época, Cal Brandão, de origem galega, serão decisivas. Aos poucos meses de chegar, Ledo conduzirá umha emissom periódica semanal do Rádio-Clube Português para a Galiza, sintonizável desde este território, onde se fazia propaganda política e cultural nacionalista e pró-UPG¹⁵. Este partido, aliás, verá mais garantida a sua actuação clandestina ao ter o suporte e o sustento dos camaradas lusos¹⁶. Nestes meses imprimirom-se em Portugal as “Bases Constitucionais” e o “Programa provisório” da UPG, com apoio, entre outros do aludido Moutinho, que constituiu em Portugal um Comité de Solidariedade com a Galiza e que verterá para padrom português *O Catecismo do Labrego* nesse mesmo ano, apresentando a versom original em edição auto-dita “bilingüe” (a evidenciar tratarem-se de duas e nom dumha mesma língua). Além disto, movimentavam-se actividades solidárias, conjuntamente com ETA e PSAN (p), e mesmo isoladamente. Essa dinâmica de apoio, reflecte-se em

¹⁵ Era na radio pública portuguesa, no seio do espaço “O Norte Dia a Dia”, como lembra Margarita Ledo (2001). O programa era conduzido por um jornalista português e por Ledo, até que os protestos do PCE forçaram a retirada do jornalista, invocando que a sua presença podia ser interpretada como um apoio oficial do Governo à UPG.

¹⁶ Também com cartas de solidariedade de intelectuais lusos contra a repressom franquista sobre actividades promovidas pola UPG. Vid., por exemplo, em *Rego* (n.ºs 4-5, Maio de 1975, p. 12) “Carta aberta de traballadores inteleituas portugueses”

comunicados como o publicado em *Terra e Tempo*, órgão da UPG, em Novembro de 1974, “A loita en Portugal”¹⁷.

A presença de Ledo e outros militantes em Portugal e os importantes apoios conseguidos pela UPG possibilitaram mesmo a organização dumhas “Xornadas das Letras Galegas” na Universidade do Porto para onde as editoras galegas enviaram pacotes de fundos. Ledo Andión cita (2001) como entidades colaboradoras, além da Universidade, a Cooperativa Árvore¹⁸, a Fundação Gulbenkian, a livraria Leitura e mesmo umha tabacaria de Caminha “onde se vendían a nosa prensa clandestíña”– e, como pessoas importantes para levar a cabo as “Xornadas” Avelãs Nunes, Óscar Lopes, Calvet de Magalhães, Cal Brandão ou Moutinho. Nelas, decorrem um curso sobre a situação galega, apoiado pola Árvore, em que participam Vilas Nogueira e López-Suevos, que apresenta as suas teses de *Cara unha visión crítica da economía galega*, publicado nesse ano na Galiza mutilado pola censura, conhecendo o texto integral, em padrom português, a luz em 1976, na editora Afrontamento, com prefácio de Beiras e apoio da Gulbenkian que arranxara Ledo; e umhas “aulas abertas” sobre a língua e literatura galega conduzidas por Lapa e Coelho¹⁹ (recorria-se, pois, às *auctoritates* académicas e melhor conhecedoras do mundo galego na intelectualidade central portuguesa). Também decorre umha exposição de livros, com apoio da Académica do Porto e intervinhem cantores do na altura Movimento Popular da Canción Galega –Emilio Cao, Rodrigo Romaní, Antón Seoane, Xurxo Mares– e passa-se um filme de Carlos Velo, este com apoio do grupo denominado “Dinamização Cultural do MFA”, que paga por exemplo o cartaz elaborado por Xan Casabella.

Dias antes, tivera lugar a apresentação em Portugal da Assembleia Nacional Popular Galega, ANPG, nucleada pola UPG e de que informa largamente o *Diário de Notícias* nom sendo incluída “no extenso trabalho do ‘DN’, qualquer referência às semelhanças culturais entre a Galiza e Portugal, ou acerca da hipótese de uma federação ibérica” (Lima 2002: 114-115). Na realidade, Galiza, e mui particularmente as iniciativas e ideias da UPG, contarám com relativa atenção na imprensa portuguesa, na da esquerda sobretudo, em que é regra quase comum a manifestação de desconhecimento dos portugueses a respeito da realidade galega e a invocação dumha unidade cultural e espiritual galego-portuguesa (Lima 2002: 121 ss).

Umha das fundamentais características do PCuG na altura foi o importante acúmulo de energia antes aludido. Este, importante na acção dos agentes vinculados a Galaxia, foi qualitativamente superior na trajectória dos referenciados na UPG, cuja acção cultural tinha um maior grau de heteronomia, e para os quais o PRP supujo um reforçamento da própria

¹⁷ Neste número, em que, por sinal, algumas palavras da gíria política lusa som incorporadas, como “palabra de orden”, aparece igualmente o seguinte “Aviso”: “Na cidade de Oporto pódese conquistar prensa democrática galega nas librerías ‘Leitura’, Rúa José Falçao [onde estava ‘Razão Actual’] e ‘Saber’, Rúa Libertade”.

¹⁸ Em cujo *Boletim Cultural* Lapa publica “Ainda a recuperação Literária do galego” (nº 2, 1975: 1 e 7).

¹⁹ A *Colóquio* noticiava assi o evento (p. 101): “Como todos os anos desde 1963, celebrou-se em 17 de Maio de 1975 o Dia das Letras Galegas, tendo desta vez como patrono o poeta Ramón Cabanillas. Ao facto se fez referências durante as 1^{as} Xornadas de Cultura Galega no Porto, promovidas pela Faculdade de Letras e a cooperativa Árvore e realizadas entre 19 e 22 de Junho. Nelas se integraram dois colóquios sobre a literatura galega, um com a presença de Jacinto do Prado Coelho, o outro sob a orientação de M. Rodrigues Lapa”. Convém salientar que a revista ‘aceitava’ o “patrono” promovido pola esfera da UPG frente ao da RAG (Pintos), o que prova a debilidade desta e a crescente capacidade de impugnação no campo galeguista por parte daquela.

actividade e da progressom dos seus repertórios culturais. Aquela energia, aliás, foi umha das maiores geradas no PCuG até à actualidade, em que se elaboraram materiais, normas e modelos hoje vigorantes (a respeito da língua, do relacionamento galego-português, ou da função da literatura) e determina, ainda na actualidade, os olhares e actividades dos agentes de ambos os lados em relação ao outro, sendo ao seu través que em boa medida se estabelece hoje mesmo o quadro relacional. Começam nesta altura a constituir-se ou consolidar-se redes de relação galego-portuguesa, actuan-tes desde entom até à actualidade, que permeabilizam a óptica dessa visom, sobretudo, e com a excepção de Lapa ou Coelho, na direcção galego-portuguesa e nom ao contrário. A desconexom entre Galaxia e agentes como Lapa ou Coelho, que visam constituir umha rede de relações com capacidade de intervenção no PCuG, que eles mesmos praticam, provocará umha reorientação na sua trajectória, sobretudo no primeiro, que começará a contactar com agentes e grupos que partilham as suas propostas, caso de elementos como J-M Montero ou, pouco tempo depois, do professor universitário Carvalho Calero, quando este se desvincular de Galaxia. Mas, frente ao caso da UPG, a morte de Lapa e Coelho, e a falta de estruturas organizadas por parte destes na altura, ao contrário que no caso da UPG, fará mais dificultosa essa actividade.

O campo cultural português constitui um importante sistema receptor, de apoio e retroalimentação²⁰ à actividade galeguista, mesmo produzindo-se umha forte assimetria relacional favorável ao campo galeguista. Essa assimetria produz, sempre para os casos aqui focados (no campo musical as cousas serão mui diferentes), que a transferência de materiais repertoriais ou autores lusos ao campo galego seja praticamente inexistente e que, polo contrário, a Galiza atinja no sistema cultural português, mui especialmente através dos agentes da UPG, umha das maiores vulgarizações desde o final da Guerra Civil Espanhola. A praticamente nula repercussom em plataformas culturais na Galiza da actividade homóloga portuguesa mostra que nom existia por parte destes grupos expectativa (e possivelmente conhecimento ou conservadorismo, segundo os casos) sobre ela (isto versus, por exemplo, a plataformas do sistema espanhol, como as representadas por revistas como *Ínsula* ou *Cuadernos para el Diálogo*) e que apresentavam um programa repertorial relativamente fechado na altura.

Bibliografia citada

- EVEN-ZOHAR, Itamar. "The literary system". *Poetics Today* 11 (1990): 7-96. Acessível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/papers.htm>
- EVEN-ZOHAR, Itamar. "The Making of Repertoire, Survival and Success under Heterogeneity". *Festschrift für die Wirklichkeit* [To Honor Sigfried

²⁰ Vid., por exemplo, o livro de Roy Rolim, *A oposição em Espanha* (Gleba, Lisboa, 1977), que espelha nas suas entrevistas ao PSDG e à UPG, isto que anotamos.

- J. Schmidt], Ed. De Guido Zurstiege. Darmstadt: Westdeutscher Verlag, 2000. 41-51. Acessível em <http://www.tau.ac.il/~itamarez/papers.htm>
- GÓMEZ TORRES, Camilo. *Manuel Maria. Os traballos e os dias*. A Corunha: Laiovento, 1999.
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cartas a Francisco Fernández del Riego sobre a cultura galega*. Vigo: Galaxia, 2001.
- LEDO ANDIÓN, Margarita. “As quintas feiras, no Norte día a día ...”, *I Congreso Internacional “O Exilio Galego”*. Santiago de Compostela: Arquivo da Emigración Galega-Consello da Cultura Galega, 2001: 1136-1142
- LIMA, Teresa. *As relações políticas entre a Galiza e Portugal após o 25 de Abril através da imprensa (1974-1981)*. TIT em “Estudos Contemporâneos”, Universidade de Santiago de Compostela, 2002. inédito.
- MARQUES, Maria Alegria et alii. *Correspondência de Rodrigues Lapa. Selecções (1929-1985)*. Coimbra: Minerva, 1997.
- MONTERO SANTALHA, J. Martinho “Na morte de Rodrigues Lapa”, *Agália* 17, (1989): 109-111.
- TORRES FEIJÓ, Elias J. “O estudo do mundo lusófono no sistema literário galego: bases metodológicas para o estudo dos sistemas emergentes e as suas relações intersistémicas”. *Actas do VII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, 2002*. Providence: Brown University, 2005. CD-Rom-AIL.

Torres Feijó, Elias J. “O 25 de Abril e as suas imediatas conseqüências para e no protossistema cultural galeguista”. *Actas do VII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres en Galicia. Galicia e os outros pobos da Península. Barcelona 28 ó 31 de maio de 2003*. Ed. de Helena González e M. Xesús Lama. Sada: Edicións do Castro / Asociación Internacional de Estudos Galegos (AIEG) / Filoloxía Galega (Universitat de Barcelona), 2007. ISBN: 978-84-8485-266-7. Depósito Legal: C-27912007.

